

ABBEEY ROAD®

studio pub pna-br

## Reportagem Cultural



Pub no bairro Higienópolis aqueceu o mercado porto-alegrense de shows durante sete anos, com serviço de primeira e atrações gaúchas, nacionais e estrangeiras

# Menu sonoro de primeira

Marcello Campos, especial para o JC

O estúdio da gravadora EMI em Londres já somava quase 38 anos de serviços prestados quando os Beatles caminharam em fila sobre a faixa de segurança próxima ao pequeno prédio com jeito de mansão, no final da manhã de 8 de agosto de 1969, sexta-feira. Rumo às suas derradeiras gravações como grupo, ali estavam os ingleses George Harrison, Paul McCartney, Ringo Starr e John Lennon para meia-dúzia de fotos, uma das quais viraria capa do penúltimo disco do quarteto, lançado em 26 de setembro e com título alusivo àquela via do bairro Saint John's Wood: *Abbey Road* ("Estrada da Abadia", em tradução literal).

Peça simbólica da cultura

pop ocidental, a imagem clicada pelo irlandês Iain Macmillan (1938-2006) também celebrizou a travessia de pedestres como a mais famosa do planeta, status confirmado pelos mais de 120 mil visitantes que, a cada ano, se ariscam no trânsito local para repetir a cena. Ou por quem curte camisetas, pôsteres, canecas e, é claro, o próprio álbum. São mais de 31 milhões de cópias vendidas em 55 anos, sem

contar os serviços digitais de música (a faixa *Here Comes The Sun* é a mais ouvida da banda, com 1,34 bilhão de acessos na plataforma Spotify). Há quem tenha ido além, tomando emprestado o nome do LP para lojas, bares e restaurantes. Dezenas, talvez centenas. De Novo Hamburgo à chinesa Xangai. Que o digam João Antônio

Araújo e Julio Fürst, figuras carismáticas da mídia gaúcha desde a década de 1970. Músicos, radialistas, empreendedores, garotos-propaganda e membros do quarteto humorístico Discocuecas (1977-1986), eles retomaram a parceria em 17 de outubro de 2001 com o Abbey Road Studio Pub, um dos melhores (e mais premiados) endereços noturnos deste século em Porto Alegre - o número 1.185 da avenida Plínio Brasil Milano, mesmo ponto do Higienópolis que quase recebera uma galeria antes de abrigar as boates Cosa Nostra (1992-1994), Mea Culpa (1994-1996) e Scape Coffee Club (1997-1998).

Tão sólido quanto seu layout de madeira e tijolos em estilo britânico foi o reconhecimento obtido pela casa, dirigida a uma clientela de classe "AB" na faixa dos 25 aos 50 anos. Por trás desse sucesso de público e crítica havia um marketing cuidadoso, centrado no menu de rock, blues, jazz, soul e MPB, a

cargo da banda residente (incrementada pela participação dos donos) ou atrações das mais diversas procedências. Palco e camarim receberam destaques locais como Totonho Villeroy e Frank Solari, nacionais do porte de Lô Borges, Vanessa da Mata e Cláudio Zoli e internacionais como o baixista norte-americano Stanley Jordan e o guitarrista britânico Andy Summers, ex-The Police.

"Desde o início a ideia foi de um empreendimento de alto nível em região menos óbvia, o que nos fez evitar o bairro Cidade Baixa, por exemplo", esclarece João Antônio, 70 anos. Ele já trazia no currículo as experiências de cofundador de outro pub fundamental na cidade, o Sgt. Peppers (inaugurado em 1987, ainda na ativa e de nome também inspirado em Beatles), intérprete de voz e violão em bares e modelo nos comerciais de moda masculina das lojas Tevah. Igualmente variada era a trajetória do sócio, ex-proprietário de loja de

discos no bairro Moinhos de Vento, produtor cultural, showman, apresentador e executivo de rádio.

Julio contribui, aos 75 anos: "Chegamos a pensar em algo country, porém prevaleceu um conceito de rádio, estúdio etc., mais a ver conosco. Foi quando surgiu a alusão a Abbey Road, em continuidade ao trabalho de João Antônio no Sgt Peppers. Reformamos tudo. A fachada ganhou letreiro em sucata de ferro do Estaleiro Só, e no saguão foi suspensa a carcaça de um piano branco como o de John Lennon. Providenciamos itens retrô como um antigo armário de farmácia para o bar, paredes decoradas com válvulas e pôsteres temáticos, portas com puxadores em forma de microfone e, na lateral do palco, uma estante com discos de vinil". Sem faixa de segurança naquela parte da avenida, pintou-se uma miniatura diante da escada de acesso.

Leia mais na página central



Antonio Hohlfeldt

# Teatro

a\_hohlfeldt@yahoo.com.br

## A magia das narrativas

O fato de o escritor Wilson Freire, médico de formação, escritor, artista plástico e compositor, não ser encontrado enquanto verbete inclusive nos dicionários de literatura brasileira, em que pese ele ter certamente mais de 50 anos e uma extensa obra publicada, principalmente com romances, diz bem o quanto a circulação de artistas oriundos das regiões brasileiras é prejudicada pelo centralismo do eixo Rio-São Paulo entre nós. Pois Wilson Freire é inclusive compositor parceiro do extraordinário Antonio Nóbrega, que, por sua vez, tem proximidade com o Grupo Armorial, de Ariano Suassuna. Isso explica sua amplitude criativa, que vai do popular (romances de cordel) às experiências estilísticas mais requintadas, como o evidencia o romance *A mulher que queria ser Micheline Verunschik*, transposto ao teatro por Adriane Mottola, Fernando Kike Barbosa, Angela Spiazzi (também assistente de direção e diretora de movimento do espetáculo), e a atriz Sandra Possani, que vive a única personagem do espetáculo.

Esta Micheline Verunschik existe de verdade, também é escritora e é contemporânea do escritor, o que faz supor uma brincadeira do escritor que, evidentemente, ganha maior interesse entre os leitores recifenses, mas que não deixa de funcionar como um elemento de curiosidade na trama da peça teatral. Não conheço o romance (aliás, boa parte dos livros de Wilson Freire são edições independentes ou governamentais, a partir de prêmios por ele vencidos), o que, mais uma vez, dificulta sua circulação. Nem mesmo data de nascimento consegui encontrar: mas abundam entrevistas e referências a ele em produções as mais variadas, o que atesta sua militância e dinamicidade.

Portanto, e em síntese: o monólogo, que é uma produção do grupo Stravaganza pela passagem de seus 36 anos de existência, é uma transposição de um romance eminentemente experimental, em torno de uma mulher que rememora sua vida sofrida, após ser violentada sexualmente anda menor de idade e transformar-se numa prostituta que, não obstante sua ignorância sobre as coisas da escrita e da leitura (imaginava que

as letras entravam pelos olhos das pessoas que então aprendiam a ler), queria tornar-se escritora. Em última análise, a narrativa que seguimos nas páginas do romance (ou acompanhamos, neste espetáculo de cerca de uma hora de duração) é o resultado desta escrita, numa encenação que tem cenário de Rodrigo Shalako, figurino de Liane Venturella, iluminação e videografia de Ricardo Vivian e cena sonora de Alvaro Rosa Costa, direção geral de Adriane Mottola.

Não deve ter sido fácil esta transposição do romance ao palco. A primeira parte do espetáculo é guiada por um texto extremamente poético, não realista, em que podemos pressentir inclusive rimas entre as frases, como se fosse um poema. Mais ou menos pela metade do percurso, as coisas mudam totalmente: entre uma espécie de paródia aos discursos literários, com referências a academias de literatura e gêneros textuais, o que derruba por completo a unidade do texto e, por consequência, a unidade do espetáculo. Ao final, retoma-se a narrativa original e o espetáculo se reencontra.

A transposição do texto literário para o espetáculo cênico optou acertadamente pela exploração de diferentes linguagens, e daí o destaque da videografia que projeta passagens do texto em desenhos que ocupam o espaço do pano de fundo. Em outros momentos, fica evidente a importância do preparo corporal, com movimentos quase que dançados em cena. No conjunto, porém, parece-me que o espaço do Teatro São Pedro não ajudou o conceito central da encenação, que teria rendido bem mais no espaço Olga Reverbel do Multipalco, apesar de toda a proximidade que em geral o Teatro São Pedro propicia e que é sempre valorizada pelos grupos.

Sandra Possani é uma atriz excepcional e dá o máximo de si neste trabalho, mas, do mesmo modo, ela parece às vezes perdida no espaço que ficou demasiadamente grande para o desenvolvimento cenotécnico originalmente idealizado. De qualquer modo, é um espetáculo muito bonito e tocante, a emocionar e prender nossa atenção, a evidenciar a magia com que as narrativas, quer textuais, quer cênicas, sempre nos envolvem.



Hélio Nascimento

# Cinema

hr.nascimento@yahoo.com.br

## O caso Mortara

O diretor Marco Bellocchio, nascido em 1939, é outro veterano a manter vivo o cinema maior. Dois de seus primeiros filmes, *De punhos cerrados*, realizado em 1965, e *A China está perto*, produzido em 1967, o colocaram entre os nomes que integravam o grupo renovador do cinema italiano. Infelizmente, a época não era propícia a que chegassem aqui obras que investiam contra valores vigentes no período. Vítima do desinteresse de exibidores temerosos da ação da censura, que causou prejuízos culturais e econômicos ao setor cinematográfico, Bellocchio foi praticamente esquecido antes de voltar às telas brasileiras com *O diabo no corpo* e *Vincere*, realizados, respectivamente, em 1986 e 2009. Seu novo filme, *O sequestro do Papa*, é outra vítima, desta vez dos distribuidores brasileiros, que resolveram colocar no filme um título que distorce o sentido da narrativa e tenta iludir o espectador. O filme, originalmente, se intitula *O rapto* e nada tem a ver com um possível ato de violência contra o Sumo Pontífice. O filme, que integrou a mostra principal do Festival de Cannes, na verdade reconstitui um fato verídico, ocorrido no século XIX, quando a Igreja Católica mantinha poder nos Estados Pontifícios. Sequestrado foi o menino Edgardo Mortara Levi por ordem do Papa Pio IX, depois de ter sido revelado que ele havia sido batizado secretamente. Edgardo, que viveu entre 1851 e 1940, teve educação cristã e optou por se integrar a uma religião que não era a da sua família. Na época, o caso teve ampla repercussão, depois foi abafado e mais tarde objeto de estudos e livros, e agora aparece nas telas num filme poderoso e marcado por uma dramaticidade que não se limita a permanecer presa a um fato histórico, pois amplia o foco no rumo de um relato sobre como o poder é capaz de moldar uma alma, transformando-a e a submetendo a um controle que se equipara a uma verdadeira lavagem cerebral, esse método que não é limitado a determinada corrente ideológica, pois se espalha por onde predomina o desejo de submeter o ser humano a várias formas de repressão.

Assim como em *Vincere*, que trata de reconstituir o padecimento de Ida Dalser, amante de Benito Mussolini,

antes deste se transformar em líder do fascismo italiano e chefe supremo do governo, tendo ela e o filho do futuro ditador sido internados em hospitais psiquiátricos, onde morreram, com o objetivo de apagar o passado do chefe, Bellocchio não está apenas interessado em reconstituir um fato. Seu objetivo é outro. Partindo da realidade, ele pretende, através de situações e imagens, atingir a essência de um regime de força. De certa forma, ele antecipa, em *Vincere*, o que mais tarde irá desenvolver em *Il Rapito*, este o título verdadeiro do filme em cartaz. Em muitas cenas isto fica bem claro. Numa delas, Edgardo é obrigado a se humilhar fazendo cruces com a língua no chão, cena que lembra uma semelhante em *Laranja mecânica*, de Stanley Kubrick, quando o jovem transgressor é obrigado a gesto semelhante, transformado num ser obediente e servil. Em muitas passagens do filme, Bellocchio narra de forma paralela rituais de ambas as religiões, revelando assim semelhanças e aproximações. Mesmo a realidade, a conversão de Edgardo ao catolicismo, não é visto de forma a aproximar o relato de algo a revelar qualquer gênero de panfletagem. O acerto está no fato de ser feita a constatação dos métodos destinados a moldar um indivíduo e fazê-lo agir de acordo com as determinações de uma autoridade maior. Na verdade, o que se vê no filme são dois pais, um biológico e outro simbólico - basta ver a cena em que o Papa coloca no colo a criança tirada de sua família - uma equiparação ressaltada pela violenta cena que registra uma ameaça de defenestração. O cinema italiano, que também brilha com *Ainda temos o amanhã*, de Paula Cortellesi, nos oferece, assim, duas lições que merecem ser devidamente apreciadas. Os panfletos e comícios cinematográficos são dispensáveis. O que vale realmente é este olhar criativo sobre a realidade, seja ela reconstituída ou trazida para as telas de forma a revelar complexidades atuantes em todo o processo destinado a manter os seres humanos devidamente integrados a sistemas nem sempre ditatoriais, mas nunca abandonando normas disciplinadoras.

# fique ligado

## Tempos de virada na quinta estação

A mais recente turnê de Dado Villa-Lobos e Marcelo Bonfá, intitulada *As V Estações*, terminará em 2024. Os artistas, que anunciaram há poucos dias uma agenda especial para o encerramento dessa série de shows, desembarcarão no Auditório Araújo Vianna (av. Osvaldo Aranha, 685), no sábado, para celebrar dois álbuns icônicos do Legião Urbana, *As*

*Quatro Estações* (1989) e *1* (1991). O show inicia às 21h e os ingressos ainda estão disponíveis, a partir de R\$ 135,00, no Sympla.

Assim como em todas as outras turnês capitaneadas pela dupla, que tiveram início em 2015 para comemorar os 30 anos do primeiro disco do Legião, Dado (guitarra) e Bonfá (bateria) são acompanhados por André Frates-

chi (vocal), Mauro Berman (baixo), Lucas Vasconcellos (guitarra) e Pedro Augusto (teclado). No repertório, que mescla faixas como *Pais e Filhos*, *Monte Castelo*, *O Mundo Anda Tão Complicado* e *O Teatro dos Vampiros*, também haverá um espaço para outros sucessos imprescindíveis, como *Tempo Perdido*, *Será e Faroeste Caboclo*.

JP SOFRANZ/DIVULGAÇÃO/JC



Show que celebra dois grandes álbuns do Legião Urbana acontece neste sábado no Auditório Araújo Vianna

## Grupo Tholl no lançamento da Aldeia Sesc Capilé

No domingo, às 15h, o Sesc São Leopoldo lança a 17ª Aldeia Sesc Capilé. O espetáculo *Bate Para a Tua Patota*, do Grupo Tholl, será a principal atração da tarde, que também terá brincadeiras infláveis para crianças e praça de alimentação, na Praça da Biblioteca (rua Osvaldo Aranha, 934 - São Leopoldo). Gratuito e aberto ao público, o evento é, ainda, um convite para o público vivenciar as diversas ações culturais que acontecerão na cidade

entre os dias 14 e 18 de agosto. Após o lançamento, a programação completa será divulgada no site [www.sesc-rs.com.br/sao\\_leopoldo/](http://www.sesc-rs.com.br/sao_leopoldo/).

Além de São Leopoldo, as Aldeias Sesc 2024 também acontecerão nos municípios de Santa Rosa (23 a 27/10), Caxias do Sul (04 a 10/11) e Passo Fundo (05 a 09/11). Para mais informações sobre a Aldeia Sesc Capilé, os contatos da Unidade são (51) 3592-2129 e (51) 99367-8714.



Apresentação do grupo é a principal atração da tarde

## Vozes celebram o Bicentenário da Imigração Alemã

O Centro Cultural 25 de Julho (rua Germano Petersen Júnior, 250) realiza neste domingo, às 18h, um evento especial para celebrar o Bicentenário da Imigração Alemã. Como tradição herdada dos germânicos, a instituição reúne mais de 90 cantores, integrantes de quatro grupos corais do qual é sede, para prestar uma homenagem aos seus antepassados através do canto. Participam o Expresso 25, regido por Pablo Trindade; o Coro Masculino, regido por Igor Ruschel; o Femina Vox 25, regido por Luciano Lunkes; e o Upita!, coro infantil e infantojuvenil regido por Fernanda Nóvoa. Cada grupo apresentará parte de seu repertório, além de uma seleção especial de músicas em alemão. A entrada é franca, mas o público pode levar um prato de doces ou salgadinhos para compartilhar ao final das apresentações.

## Referência da cultura popular gaúcha

Neste sábado, Zé Caradípia sobe ao palco do Espaço 373 (rua Comendador Coruja, 373) para o show *Canções Pedindo um Palco*, às 21h. Caradípia estará acompanhado de Dunia Elias (piano), Costa Lima (baixo), Antônio Flores (guitarra), Marcelo Carvalho (sax) e Marcelo Pimentel (bateria e percussão). Os ingressos estão disponíveis de R\$ 30,00 a R\$ 90,00 no Sympla.

Para o Brasil inteiro, Zé Caradípia é o autor de *Asa Morena*, gravada por Zizi

Possi em 1982, em disco que levava justamente o nome da canção, figurando entre as 100 músicas mais tocadas no século 20. Para os gaúchos, tem uma obra bem mais abrangente, acumulada em 40 anos de carreira. A obra de Zé Caradípia é referência da cultura popular do Rio Grande do Sul e faz parte de livros que tratam da história da música brasileira, escritas por nomes como Ruy Godinho, Jairo Severiano, Zuza Homem de Melo, Henrique Mann e Arthur de Faria.

## Fim de semana na toada nativista

Tradição no Rancho Tabacaray (av. Vicente Monteggia, 2.770), as noites de sexta e sábado e os almoços de domingo são embalados pela musicalidade de artistas reconhecidos no Estado. Neste final de semana, a programação não será diferente. O destaque fica para o sábado, às 20h, por conta do Grupo Mas Bah. Além deles, o rancho trará, na sexta-feira, às 20h, Ricardo Bergha como atração principal.

Encerrando o fim de semana, a dupla Tiago e Diego Machado se apresenta no domingo às 12h, garantindo um almoço cultural. O couvert artístico é de R\$ 30,00 por pessoa. A gastronomia do Rancho Tabacaray é assinada pela equipe do mestre parrillero Antônio Costaguta, o El Topador, com menu a la carte todo preparado na brasa. Reservas através do link <https://rancho-tabacaray.leadfood.app/>.

### AGENDA

- Bar Opinião (rua José do Patrocínio, 834) recebe festa solidária em celebração aos 9 anos da Rádio Mutante. Shows de 11 bandas, incluindo Cattarse (de SP) e atrações locais. Domingo, 18h, R\$ 10,00 no Sympla. Arrecadação de alimentos não perecíveis no local.
- A próxima edição da festa Baila Comigo, voltada ao público 50+, traz homenagem à estrela da música Rita Lee. DJs Katia Suman e Bruno Suman prometem rock, pop, clássicos e música brasileira. Sábado, 19h, no Bar Ocidente (avenida Osvaldo Aranha, 960). R\$ 80,00 no Sympla.
- Evento marca os 50 anos de saudades de Lupicínio Rodrigues neste sábado, às 16h, no Salão Mourisco da Biblioteca Pública do Estado (rua Riachuelo, 1.190). Biografia musical conduzida por Arthur de Faria, com canja

- musical de Luiza Helena e Paulinho Parada. Gratuito.
- Espetáculo teatral *Comédias dessa (e da outra) vida* tem sessão no Theatro Fuga (Rua dos Andradas, 673) neste sábado, às 21h. R\$ 25,00 no Sympla.
- Kempinski Laje de Pedra (Rua das Flores, 222 - Canela) realiza neste sábado, das 16h às 19h, mais uma edição do Entardecer no Vale, experiência que conjuga música e gastronomia em integração com a paisagem local. Evento gratuito. Mais informações nas redes sociais @kempinskilajepedra.
- Peça *Vexame - Assim caminha a humanidade*, desenvolvida a partir de oficina da Cia. Rústica, tem sessões na sexta-feira e sábado, 20h, na Zona Cultural (Av. Alberto Bins, 900). De R\$ 25,00 a R\$ 50,00, na bilheteria do local.

# reportagem cultural

## Trabalho duro e música de qualidade

Marcello Campos, especial para o JC \*

Junto com a relação de trabalho entre João Antônio Araújo e Julio Fürst havia uma amizade iniciada na edição de 1975 do festival Musipuc, promovido pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Pucrs), quando o primeiro concorria pelo trio Inconsciente Coletivo e o segundo participava do júri, como radialista. A ideia de sociedade em um bar, aliás, já havia sido cogitada no tempo dos Discocuecas, antes de esbarrar na falta de unanimidade entre o quarteto - Beto Roncaferro topara mas Gilberto Travi (1951-2011) não, porque era também engenheiro em uma construtora e não via como conciliar mais uma atividade.

Remixado o plano décadas depois com o Abbey Road Studio Pub, a dupla fez um trato: cumprir jornada todas as noites, da abertura ao fechamento. “A combinação foi seguida à risca até o fim, sem contar o expediente em horário comercial no escritório dos fundos da casa, resolvendo assuntos de publicidade, contratação de artistas e burocracias”, salienta Julio. Seus arquivos revelam um marketing meticuloso, incluindo decoração interna da arquiteta Zora Machado, identidade visual da agência Praetzel, fotos caprichadas de Duche Chaves Barcellos, prospectos com perfil detalhado do negócio, cardápio com pitacos do culinária e comunicador José Antônio ‘Anonymus Gourmet’ Pinheiro Machado e estacionamento com 100 vagas.

O retorno foi impressionante. Funcionado de quarta a sábado das 21h ao último cliente (por volta das 3h), a casa passou a ter seus 300 lugares costumeiramente esgotados em uma cidade com outros pubs bacanas (Fog, Music Hall, Cherry Blues, Mulli-



Espaço amplo e decoração interna marcante eram marcas do Abbey Road, causando admiração até em artistas estrangeiros que tocaram no local

gan, Shamrock, Mercato Jazz e o próprio Sgt. Peppers). Dentre os diferenciais, camarim subterrâneo, palco com aparelhagem sofisticada, isolamento acústico e visibilidade de qualquer parte do bar-restaurant ou mezanino, além de estacionamento anexo. “A música é a prata da casa”, frisou o guia Veja Porto Alegre ao eleger o Abbey Road por três anos seguidos o melhor estabelecimento com som ao vivo na capital gaúcha, fosse com a banda

fixa ou atrações especiais.

A presença diária de Julio na 102.3 FM, voltada ao mesmo segmento de público, também ampliava indiretamente a propaganda, além de facilitar a veiculação de spots sobre os eventos, mediante desconto no valor de mídia. Outro aspecto decisivo foram as parcerias com empresas de diferentes ramos, via permuta por citação nas peças publicitárias e cedência do espaço para festas privadas. Estavam nessa lista a rede de hotéis Plaza (que passou a hospedar estrelas em cartaz) e a casa paulista de espetáculos Bourbon Street, em uma espécie de convênio logístico a diluir custos na vinda de artistas estrangeiros.

Nuno Mindelis. J.J. Jackson. Maggie Green. Andy Summers encantou-se com o lugar, fotografando todos os ambientes internos após a passagem de som. O jazzista Stanley Jordan gostou tanto que veio duas vezes - certa ocasião, pediu apenas creme de ervilhas e suco de laranja. São muitas histórias, diverte-se João Antônio. “Com 2 metros de altura

e meio gordão, o bluesman Magic Slim [1937-2013] preferiu o bar ao camarim. Temi que ele não tivesse condições de chegar ao palco após mais de meio litro de uísque e quase um maço de Marlboro, mas me enganei. Foram duas horas de um baita show e o cara ainda voltou para o balcão.”

A proposta com foco em um público “adulto e contemporâneo” também abria espaço a talentos gaúchos - incluindo humoristas como André Damasceno

e Jair Kobe - e nomes emergentes da cena musical brasileira. Praticamente todo o elenco da então novata gravadora Trama se apresentou no Abbey Road, incluindo o cantor Pedro Camargo Mariano, filho da porto-alegrense Elis Regina (1945-1982), assim como João Marcello Bôscoli, dono do selo. Detalhe: antes da mudança para o Centro do País, ela vivera dos 6 aos 18 anos em uma rua do bairro IAPI localizada a 10 minutos de caminhada dali.



Derico, da famosa banda de apoio de Jô Soares, mandando ver no Abbey Road



ACERVO JULIO FURST/REPRODUÇÃO/JC



ACERVO MARCELLO CAMPOS/REPRODUÇÃO/JC

Julio Furst e João Antônio Araújo (direita), em fotos de 2001 e 2024 (abaixo)

## Travessia concluída

O desenrolar de 2008 foi determinante para os rumos do pub da Plínio Brasil Milano. Após sete anos de uma travessia relativamente segura, a dupla Araújo-Furst deparou com um inédito sinal amarelo: a perda do estacionamento privativo, requisitado para um projeto imobiliário. “Some-se a isso o fato de que já estávamos cansados de trabalhar todas aquelas madrugadas por semana, isso acelerou a decisão conjunta de passar adiante a operação”, contextualiza Julio. Foi quando dois jovens empresários catarinenses surgiram com uma proposta de compra, concretizada no verão de 2009 – tal como os Beatles, a bem-sucedida aventura terminou em alta.

A nova dupla ali instalou uma filial do Drakkar Music Hall de Florianópolis, com som mecânico e shows (MPB, rock alternativo) depois substituídos por uma salada de pagode, sertanejo universitário e outros gêneros. O novo conceito manteve em destaque o ponto do Higienópolis até o fim da experiência, em outubro de 2010 – poucos lembram de sua substituta, a efêmera Casa Rio Show.

Progressivamente descaracterizado (sobretudo na parte interna), o imóvel jamais voltou a receber inquilinos do segmento: intercalado por placas de venda ou aluguel, nos últimos anos sediou academia, agência de modelos, estética, café e outros estabelecimentos, antes de sua mais abrangente reforma, entre maio e dezembro de 2023.

O resultado é um minicentro comercial de 65 metros-quadrados com café, grife de moda feminina, e-commerce de vestuário, salão de beleza e bronzeamento, mais clínica de psicanálise e auditório de eventos para cursos, palestras sobre empreendedorismo. “Tínhamos uma loja na avenida Azenha desde 2020 e migramos para esse espaço da Plínio Brasil Milano no fim do ano passado, a fim de oferecer a praticidade de um mix de serviços em um só lugar, além da possibilidade de crescimento pessoal e profissional para quem ali trabalha”, conta o empresário André Xavier, 33 anos, coproprietário do café, junto com a esposa Larissa Santos, e administrador dos demais espaços.

Já para os idealizadores do Abbey Road, permanecem as boas lembranças de um trabalho gratificante, responsável por 25 empregos e até hoje lembrado com carinho pelo pessoal. “A gente se divertiu e ainda ganhou um bom dinheirinho. O César Audi (um dos músicos da casa) morou na Alemanha e disse que teríamos enriquecido se o nosso bar funcionasse na Europa”, orgulha-se João Antônio, único dos dois a ter visitado o lendário ponto turístico dos Beatles em Londres. Após abrir no bairro Auxiliadora o John’s Pub (2010-2012), ele hoje dá prosseguimento à trajetória de músico da noite. Julio Furst, por sua vez, deu por encerrada a carreira no segmento mas sua voz inconfundível continua a serviço do rádio, com audiência fiel na 102.3 FM.



MARCELLO CAMPOS/ESPECIAL/JC

Uma das muitas formações da banda residente do Abbey Road, em frente à fachada do estabelecimento

## Banda fixa

Um dos primeiros folders de divulgação enaltecia em texto bilíngue português-ínglês o cardápio de drinques, petiscos e pratos mais elaborados (apenas quatro de 150 itens aludiam ao título do disco que batizara o nome da casa), “tudo temperado por muita música ao vivo”. Não bastasse o impacto positivo dos shows com artistas de fora da casa, a residente Abbey Road House Band garantia um bem temperado menu

de pop, rock e soul. “Nas noites de quarta a sábado são servidas doces melodias, ritmos quentes e grandes porções de canções que fizeram e continuam a fazer história”, poetizava o material.


Diferentes formações ao longo do tempo abraçaram talentos já tarimbados ou pedindo passagem. Rê Adegas. Ana Krüger. Lúcia Severo. Maurício Nader. Luiz Panta. Os irmãos André e Marco Azevedo. Léo Ferlauto. Aldo Ibanez. Edson Júnior. César Audi. Ângelo Primon. Giovanni Berti. Henrique Morales. O próprio João Antônio em voz, violão e teclado. Canjas de bateria por Julio Furst – que ainda ajudava a incrementar o repertório do grupo com sugestões de clássicos e novidades rodados com sucesso em seu programa de rádio, evitando que as apresentações caíssem na mesmice.

“O clima de trabalho era ótimo, com um público muito participativo”, elogia a cantora e compositora Rê Adegas, 43 anos, crooner da turma em 2002-2006 e que teve ali a oportunidade de estrelar seu primeiro espetáculo solo, *Que-relas do Brasil*, em homenagem a Elis. Hoje reconhecida nacionalmente e com uma discografia de dois álbuns e cinco singles, a artista recorda um momento trágico daquele período, quando o colega Luiz Panta se aproximou perigosamente da beira do palco, de microfone em punho: “Como que em câmera lenta, ele acabou estatelado sobre as mesas de al-

guns clientes e, logo após o estrondo, ressurgiu cantando como se nada tivesse acontecido”.

Episódio, aliás, testemunhado pela advogada Jamile Marum, 61 anos, e o empresário Roque Bresolin, 68. Casal morador do bairro Chácara das Pedras, também na Zona Norte, eles fizeram do início ao fim do Abbey Road sua opção noturna preferencial, com mesa reservada no “gargarejo” ao menos uma vez por semana. “Música, atendimento, cenário e comida eram fora de série, adorávamos pratos como iscas de filé ao molho madeira e o peixe à belle meunière”, aplaude Jamile. “Foi também um lugar onde fizemos amizades duradouras com os donos, funcionários, banda e outros frequentadores. Éramos quase sempre um dos últimos a saírem.”

Para Bresolin (que elege como canção emblemática do pub o rock *Another Brick On The Wall*, gravado em 1979 pelo grupo inglês Pink Floyd), a experiência deixou um legado emocional extra: “Quando completei 50 anos, no dia 17 de agosto de 2005, fizemos uma festa fechada para 260 convidados, algo mágico e inesquecível. Sem contar que, trabalhando com uma empresa italiana do segmento de máquinas para curtumes, seguidamente eu recebia executivos da matriz europeia, então levava os caras no Abbey Road. Eles achavam o máximo e quando voltavam já saíam perguntando quando iríamos lá”.

 Marcello Campos é formado em Jornalismo, Publicidade & Propaganda (ambas pela Pucrs) e Artes Plásticas (Ufrgs). Tem seis livros publicados, incluindo as biografias de Lupicínio Rodrigues, do Conjunto Melódico Norberto Baldauf e do garçom-advogado Dinarte Valentini (Bar do Beto). Há mais de uma década, dedica-se ao resgate de fatos, lugares e personagens porto-alegrenses. Contato: portonoitealegre@gmail.com.

### Atrações de destaque no Abbey Road

- Andy Summers
- Stanley Jordan
- Magic Slim
- J.J. Jackson
- Maggie Green
- Nuno Mindelis
- Tradicional Jazz Band
- 14 Bis
- The Fevers
- Miúcha
- Lô Borges
- Marcos Valle
- Toninho Horta
- Victor Biglione
- Dulce Quental
- Leo Jaime
- Derico
- Vanessa da Matta
- Cláudio Zoli
- Fernanda Porto
- Wilson Simoninha
- Max de Castro
- Pedro Mariano
- Jair Oliveira
- Preta Gil
- Ricardo Graça Mello
- Solon Fishbone
- Frank Solari
- Papas da Língua
- Totonho Villeroy
- Rafael Brasil

# nas telas



Pequenas Cartas Obscenas é comédia baseada em uma história real

## Escândalo na costa da Inglaterra

A comédia *Pequenas Cartas Obscenas*, dirigida por Thea Sharrock, é inspirada em um caso real que abalou uma pequena cidade costeira da Inglaterra, e retrata a vida de duas vizinhas: Edith Swan (Olivia Colman, ganhadora do Oscar), uma mulher religiosa, e Rose Gooding (Jessie Buckley), uma desbocada mãe solteira que desafia os estigmas da sociedade. Após um

desentendimento entre Rose e o pai de Edith, cartas obscenas começam a circular pela cidade, e por conta de seu escandaloso estilo de vida, Gooding se torna a principal suspeita. Para resolver o caso, a policial Glady Moss (Anjana Vasani) se junta a um grupo de mulheres locais e começam a investigar quem realmente está por trás das infames cartas.

## Nebulosas tramas no mundo da arte

Após bem sucedida jornada pelos festivais, o longa *Vermelho Monnet*, de Halder Gomes, leva aos cinemas uma história ambientada no milionário e, por vezes, nebuloso mercado de arte mundial. Antoinette (Maria Fernanda Cândido) é uma influente marchand/*connoisseur* de arte que joga como poucos nesse universo, e que busca um 'novo original' de um grande artista para aquecer

o mercado. Seu caminho cruza com os de Johannes (Chico Diaz), um velho artista plástico romântico demais para ser reconhecido nos tempos atuais, e Florence (Samantha Müller), uma famosa atriz em crise e insegura na preparação para o seu filme mais desafiador. Os três irão se relacionar em um perigoso jogo que envolve falsificações, mentiras e paixões arrebatadoras.

## Uma traça apaixonada por livros

Teca, uma traça que se apaixona pelo universo da leitura, conduz a ação em *Teca e Tuti: uma noite na biblioteca*, longa que levou mais de 10 anos para ser produzido e faz uso de diferentes técnicas de animação e *live action*, em especial o *stop motion*. A pequena traça vive com sua família e seu fiel ácaro de estimação Tuti numa caixa de

costura, e o que eles mais gostam é de comer papel. Mas, quando Teca aprende a ler, ela percebe que os livros não podem ser comidos - afinal, eles guardam as histórias que alimentam a sua alma. Decididos a resolver um grande mistério, Teca e Tuti partem para a biblioteca, em busca da história mais importante de suas vidas.

# palavras cruzadas diretas

www.coquetel.com.br

© Revistas COQUETEL

Acontecimento capaz de ter influência na órbita do Direito	Osama bin Laden O verbo do caridoso	Objeto de estudo da Linguística	A bomba lançada sobre Hiroshima (Hist.)	"Tu És o (?) da Minha Vida", música de Raul Seixas e Paulo Coelho
Personagem de Al Capp				Romance de H. G. Wells
Fisionomia de quem está desapontado (fam.)			Prefixo de "omocótila": ombro	País do Oriente exportador de caviar
Portal de templos xintoístas	Arte japonesa de dobradura de papel			
Ex-presidente dos EUA				
Melodia			A origem da lenda dos nibelungos	
		Para mais adiante	VIP para "Very Important Person"	Ódio cego
Nascer de um astro (Astr.)			O salário do voluntário	Conjunção aditiva
"Sereia" amazônica	Cavalo fraco			
Lavabo	Coletivo de cardeais			
	Domicílio (p. ext.)			Resposta da "vaca de presepão"
	Gado para abate			
Representantes do incapaz (jur.)				Material interno de certos filtros de piscina
		Pavilhão do Parque do Ibirapuera		
É permitido	Selo de qualidade		Nublar	Rapper e atriz dos EUA
Procedeu a OMC	(?) qual: igual		Meio de propagação de vírus	
		Troquei (moeda estrangeira)		
Homem ressuscitado por Cristo				Divisão do prédio comercial

BANCO 3/ve — inn — mdc. 8/acróimo. 1/jimmy carter. 12

SEUS PASSATEMPOS PREFERIDOS SEM SAIR DE CASA

#FaçaCoquetel f /editoracoquetel @coquetel

ASSINE AGORA! www.coquetel.com.br

### Solução

A	T	S	O	R	Z	A	T
I	B	M	C	V	I	V	G
E	A	E	I	O	S	I	
A	I	A	N	V	D	O	P
R	A	V	D	A	V	C	P
M	S	R	L	A	R	V	P
E	N	C	N	O	S	D	
I	N	A	V	A	R	I	
I	R	A		O	R	O	
A	W	L	V	A	C	S	U
R	E	V	C	A	M	I	J
I	W	A	G	I	R	O	
O	O	W	O	I	R	O	
O	H	C	A	D	E	A	C
O	O	N	A	N	A	F	F
O	M	O				T	

## horóscopo

Gregório Queiroz / Agência Estado

**Áries:** Obstáculos se interpõem em sua rotina, e aquilo que deseja se realizar pode ser impedido. A preocupação com o amor gera uma sombra que escurece as relações.

**Câncer:** As atividades que mais lhe agradam podem ser impedidas de se realizar. Uma frustração pode acontecer. Mantenha a grandeza de atitude, encarando a situação com grandeza.

**Libra:** Seus planos são impedidos de se realizar, mesmo que parcial e momentaneamente. Não espere realizar seus anseios e planos neste dia, assim poderá se frustrar menos.

**Capricórnio:** Os compromissos formais se impõem sobre a afetividade no convívio e nas relações de trabalho. A organização em sua rotina é condição para obter os resultados que pretende.

**Touro:** O desejo de se encontrar com alguns amigos ou pessoas queridas pode ser frustrado. Frustração possível também nas expectativas pessoais, em especial na vida financeira.

**Leão:** As relações pessoais trazem sentimentos intensos, mas as situações sociais não colaboram e talvez não possa viver com as pessoas, como gostaria, esses sentimentos.

**Escorpião:** Momento de supressão do prazer e de imposição dos deveres, em especial nas relações amorosas. Seus desejos ficam bloqueados. Há dias em que as coisas são assim mesmo.

**Aquário:** Os sentimentos amorosos esfriam um pouco, pois as condições não favorecem em nada realizar o que deseja. Mas esta é apenas uma condição passageira. Saiba se conduzir.

**Gêmeos:** Você tende a recuar diante do que deseja, em especial na profissão, talvez por insegurança ou medo. As responsabilidades pesam sobre suas afeições e seus desejos.

**Virgem:** No amor, o dia é carregado de compromissos e deveres, ficando de fora a diversão. Um dia criativo para a atuação no trabalho, participando de grupos que lhe favoreçam.

**Sagitário:** As obrigações se impõem mesmo que à sua revelia. Talvez se sinta meio sozinho, vendo as pessoas afetivamente distantes. No lar, é preciso cumprir à risca seus deveres.

**Peixes:** Você tende a se sentir incomodado com certas situações emocionais e afetivas no ambiente familiar. Não tente se defender tanto assim. Mantenha uma atitude íntegra.



Jaime Cimenti

# Livros

jcimenti@terra.com.br

## Clássico da crítica ao materialismo

*Ter ou Ser? Uma introdução ao pensamento humanista* (Paidós-Planeta, 256 páginas, R\$ 62,90), clássico moderno do grande psicanalista, filósofo e sociólogo alemão Erich Fromm (1900-1980), alemão radicado nos Estados Unidos, é uma crítica profunda ao materialismo em favor de uma vida com significado, na qual as pessoas tenham valor não apenas por bens que tenham, mas sobretudo por avançar em autoconhecimento e convívio melhor com o mundo e com os outros. Quase cinquenta anos depois de seu lançamento, a obra de Fromm permanece atual, numa sociedade de consumo em que as pessoas valorizam exageradamente o dinheiro, bens e luxos, ao invés de valores humanos, éticos e espirituais.

Erich Fromm era um humanista radical e pensava que as pessoas eram resultado de fatores culturais e biológicos, ao contrário de Freud, que privilegiava os aspectos inconscientes do

psiquismo. Fromm analisou com acuidade o surgimento da era industrial, a perspectiva do progresso ilimitado, as promessas de domínio da natureza e abundância material, além da garantia da liberdade pessoal.

O fato é que essa sonhada realidade não chegou para todos. A prosperidade econômica se concentrou em poucas pessoas e nas nações ricas. Crescemos na ciência e na tecnologia, mas deixamos para trás valores humanistas e não conseguimos lidar com desigualdades várias. Fromm aborda a necessidade de buscarmos novas pessoas e novos mundos. No final da obra, escreveu: “Nossa única esperança reside na atração energizante de uma nova visão. Propor essa ou aquela reforma que não mude o sistema é inútil no longo prazo, já que não traz consigo a força propulsora de uma forte motivação. O objetivo ‘utópico’ é mais realista do que o ‘realismo’ dos líderes de hoje. A realização da



nova sociedade e do novo Homem somente é possível se as antigas motivações do lucro, do poder e do intelecto forem substituídas por novas: ser, compartilhar, compreender; se o caráter mercadológico for substituído pelo caráter produtivo e amoroso; se a religião cibernética for substituída por um novo e radical espírito humanista.”

## e palavras

### ANSIEDADE NOSSA DE CADA DIA

Nas últimas décadas, em vista de causas mundialmente bem conhecidas e diante, especialmente, da precariedade do atendimento médico público, sabe-se que o mal dos séculos XX e XXI é a depressão. A Organização Mundial da Saúde previu que, em 2030, ela será a doença mais comum no mundo. Os custos pessoais e coletivos são imensos e, segundo a OMS, estima-se que 450 milhões de pessoas são afetadas diretamente por transtornos mentais, a maioria delas em países em desenvolvimento. Nas Américas, depois dos Estados Unidos, o Brasil é o país com mais prevalência de depressão.

No momento é preciso falar não só de depressão, psicose, esquizofrenia e outras doenças mentais. É preciso falar de outro mal que afeta milhões no mundo, a ansiedade, que aumentou dramaticamente no mundo. A OMS estima que no mundo há 300 milhões de pessoas portadoras de ansiedade. Muitos falam que ela se tornou uma epidemia global - e o Brasil é o líder do ranking.

O filme *Divertida Mente 2*, dirigido por Kelsey Mann, trata da ansiedade de uma menina de 13 anos e teve como consultor científico das emoções o Dr. Dacher Keltner, psicólogo de 62 anos, professor da Universidade da Califórnia. A psicóloga Lisa Damour, especializada em mudanças mentais de meninas, também participou como consultora. Não por acaso, o filme já foi assistido por 20 milhões de pessoas no Brasil. É o filme mais visto em nosso País em todos os tempos, e o primeiro a atingir a marca. Em nível global, o filme já

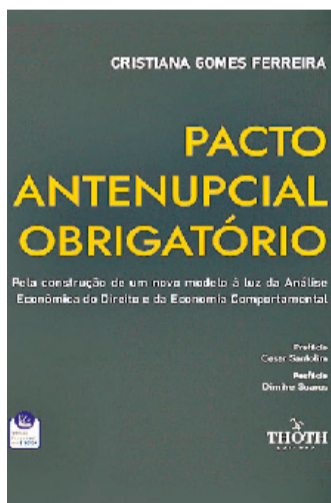
tem a segunda bilheteria na história do cinema e, pelo visto, vai chegar em primeiro.

No *Divertida Mente 1*, a protagonista Riley tinha onze anos e cinco emoções básicas integravam a animação: alegria, tristeza, raiva, nojo e medo. Riley tinha mudado de cidade e sua vida tinha se tornado uma bagunça. Neste *Divertida Mente 2*, Riley tem treze anos e está às voltas com novas emoções: ansiedade, inveja, tédio e vergonha. Elas decidem que a personalidade da jovem precisa renovação e aí assumem o comando da mente da garota.

A ansiedade, o ser laranja, toma conta da cena e joga as demais emoções para longe. Riley vai enfrentar desafios típicos da adolescência, como competir numa partida de hóquei e fazer amigos no ensino médio, enquanto descobre sobre si mesma e sobre quais caminhos pretende percorrer no futuro. Ela é a estrela do time, tem duas melhores amigas e pais compreensivos. Prestes a ingressar num acampamento de três dias, tem sua vida jogada de cabeça para baixo. A razão? A chegada da puberdade, com sentimentos de ansiedade, vergonha, tédio e inveja.

Os sentimentos embaraalhados na mente da adolescente, apresentados com clareza, ciência, agilidade e humor, encantam crianças, adolescentes e adultos e já se pode antever que um *Divertida Mente 3*, quando Riley entrar na vida adulta, vai interessar. Nove anos depois do lançamento de *Divertida Mente 1*, a história segue com sucesso. O filme mostra que foram bem aproveitados os elementos do primeiro filme e apresentadas inovações.

## lançamentos



› **Pacto Antenupcial Obrigatório** (Thoth Editora, 176 páginas), de Cristiana Gomes Ferreira, Doutora e Mestre em Direito Privado pela Ufrgs e sócia da Garrastazu Advogados, propõe a construção de um novo modelo à luz da Análise Econômica do Direito e da Economia Comportamental. Após longos estudos e alentada pesquisa, a consagrada e experiente autora sugere o pacto antenupcial obrigatório.



› **Tratado geral das grandezas do infimo** (Alfaguara, 112 páginas, R\$ 90,00), do grande poeta Manoel de Barros (1916-2014), traz versos com o minúsculo universo das coisas e dos seres do Pantanal. Ciscos, formigas, lesmas e passarinhos estão na primeira parte do livro. Na segunda os haicais sobre a vida, o andar e os humanos. Nas páginas finais há fotos e documentos do autor.



› **A vendedora de cangas** (Alcance, 302 páginas, R\$ 78,90), de Pio Furtado, médico, escritor e professor, membro da Academia Rio-Grandense de Letras, apresenta contos e novelas. Airton Ortiz, na apresentação, disse: “Pio reúne 15 contos e novelas, com uma linguagem surpreendente, de tirar o fôlego pela inventiva, mas sem perder a clareza do seu riquíssimo e inovador vocabulário. Uma aula de construção textual.”

## a propósito

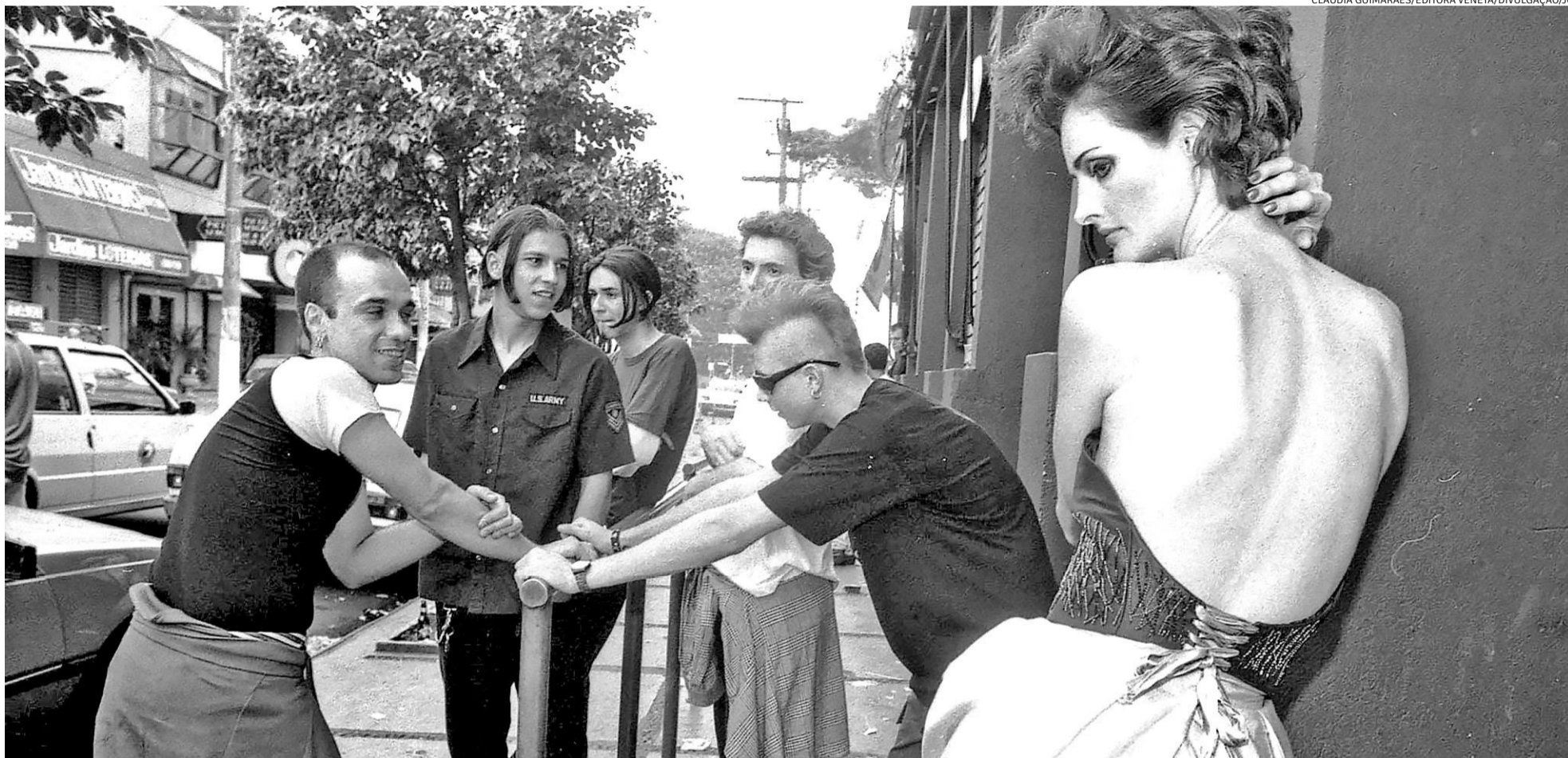
Certa dose de ansiedade é positiva, para ir adiante na vida, vencendo os desafios que surgem nas diferentes fases do caminho. É preciso conhecer a si mesmo, observar bem em volta e aos que nos cercam e não deixar que a ansiedade tome conta. Sobre tudo, a melhor maneira de lidar com a ansiedade, para que

não se torne angústia e bloqueio indesejado, é falar sobre ela e sobre suas causas. *Divertida Mente 2* diverte e ajuda a todos nessa “era da ansiedade” e, claro, quando necessário, psicoterapias e medicação estão aí para que possamos viver com mais calma, prazer e alegria.

(Jaime Cimenti)

## pensando cultura

# Livro relembra o fervor eletrônico que mudou a noite de São Paulo



CLAUDIA GUIMARAES/EDITORA VENETA/DIVULGAÇÃO/JC

No livro *Bate Estaca*, Camilo Rocha perfila baladas e entrevista personagens das décadas de 1980 a 2000 para manter viva a memória da cena clubber na maior cidade do País

Até meados da década de 1980, balada era lugar para ficar bêbado e pegar alguém, e DJ era o cara que mandava para as caixas de som os hits da rádio. Como conta João Perassolo para a Folhapress, essa visão limitada da diversão noturna mudaria bastante nas décadas seguintes – os disc jôqueis passariam a ser considerados autores, tocando músicas novas para um público que não queria flertar nem beber até cair, mas só curtir o som e fazer parte de uma turma.

A trilha sonora desta mudança radical de comportamento foi a música eletrônica, e sua cidade irradiadora, São Paulo. Livro lançado nesta semana, *Bate Estaca: Como DJs, Drag Queens e Clubbers Salvaram a Noite de São Paulo* captura esta revolução ao retratar as casas noturnas e os personagens responsáveis por marcarem a noite e a cultura jovem paulistana, no período que vai da redemocratização até o início do século XXI.

O autor, o DJ e jornalista Camilo Rocha, ele próprio um personagem da cena eletrônica, dedica cada capítulo do livro a uma casa noturna, fazendo a conexão entre o clube e o tipo de

som que ali tocava. Relembramos, por exemplo, o Sra. Krawtitz e a chegada do techno, em 1992, contexto que impulsionou as *drag queens* e a cultura do host e da hostess, pessoas que recebiam os convidados na porta.

Há seções para o histórico Love Club, a D-edge – casa ativa e bem-sucedida ainda hoje –, o extinto festival Skol Beats e também as raves de trance, que reuniam dezenas de milhares de pessoas em fazendas nos arredores de São Paulo. O texto flui como uma reportagem, com informações claras apresentadas em ordem cronológica, resultantes de anos de pesquisa.

Da leitura, se depreende que a capital paulista – hoje uma das principais cidades do mundo para a noite eletrônica – foi um local propício para a propagação da cultura da pista de dança. “A sociabilidade se dá muito nesses espaços, ao contrário do Rio de Janeiro, onde você tem a praia. Em São Paulo, por ser essa cidade ‘carrocêntrica’ e sem esses grandes espaços públicos, o clube, a discoteca e a danceteria acabaram tendo o papel da sociabilidade”, diz Rocha, por telefone.

O autor também destaca

a criatividade dos DJs de São Paulo, que se apropriavam de ritmos estrangeiros e davam a eles uma cor brasileira para conquistar o público. Esta antropofagia resultou, por exemplo, na faixa *Sambassim*, uma composição de Fernanda Porto depois remixada com uma batida de drum’n’bass pelo DJ Patife. A música estourou na virada para o século XXI, quando se tornou sinônimo de sofisticação ao juntar MPB e o estilo eletrônico surgido na Inglaterra.

Rocha dedica um capítulo do livro às casas noturnas da zona leste, região sempre fervilhante mas frequentemente esquecida na história clubber paulistana. Há o saboroso episódio de quando, por acaso, Marquinhos correu para casa para buscar discos e tocar pela primeira vez na matinê da Showbusiness, cobrindo um DJ que faltou.

Mais tarde, Marquinhos, o DJ Marky, se tornaria uma das caras da eletrônica brasileira no exterior, e a Showbusiness viraria a estrondosa Sound Factory, que atraía caravanas de várias regiões de São Paulo para a Penha, nos finais de semana, e lançou *drag queens* como Elloanigena

Onassis e Lyza Bombom.

No início, a Sound Factory tentava emular os clubes de regiões centrais, diz o autor, mas com o tempo a casa encontrou a sua identidade. “Se o Hell’s [balada que acontecia nos Jardins] era mais techno, a Sound Factory já começou a ir para o jungle, drum’n’bass.”

No mais, acrescenta Rocha, casas fora das regiões centrais precisavam atender a um público muito grande e diverso, de modo que o DJ Patife alternava drum’n’bass com Ê e Tchan numa balada de Cidade Dutra, na zona sul, na qual discotecava. Nos Jardins e em Santa Cecília, os clubes eram menores e podiam focar numa única vertente de som eletrônico, sem misturar com outros estilos musicais.

*Bate Estaca* se insere numa ainda pequena lista de livros que registra o desenvolvimento da cena noturna da capital paulista e da qual fazem parte *Babado Forte*, de Erika Palomino, e *Todo DJ Já Sambou*, de Claudia Assef, além de algumas poucas teses acadêmicas. Se sobra material de leitura sobre o rock e a MPB, o mesmo não se pode dizer da música eletrônica.

Rocha conta que não deixar a memória clubber morrer foi o grande estímulo para a sua pesquisa, que afinal trata não só de baladas, mas da própria história de São Paulo. O texto traz entrevistas com DJs, donos de clubes, drag queens e produtores de festa, além de trechos em primeira pessoa, nos quais o autor conta as suas experiências de quem viveu o seu objeto de estudo antes de teorizar sobre ele.

Talvez um dos principais legados da noite eletrônica retratada no livro seja o acolhimento da diversidade sexual, esse conceito tão em voga hoje. Rocha lembra que “quem não viveu não tem ideia” do quão preconceituosos e machistas eram os costumes da época.

“Um homem não podia dar a mão para outro em homem em qualquer lugar que ia tomar porrada”, diz, lembrando que as pistas de dança dos anos 1980 e 1990 foram pioneiras em quebrar este paradigma. “A cena de festas criava espaços onde tudo bem fazer isso, onde isso não era um problema. A questão da diversidade era valorizada. Então isso foi benéfico para a cidade como um todo.”